

2022 em pacientes hematológicos e onco-hematológicos atendidos no setor de transfusão de um centro de referência do estado do Amazonas. **Resultados:** Foram realizadas 3.994 transfusões no ano desse estudo. Dessas, (78,4%) foram concentrados de plaquetas irradiadas (CPI), (8,3%) concentrados de hemácias filtradas e irradiadas (CHFI), (4,6%) concentrado de hemácias irradiadas (CHI). **Discussão:** O hemocomponente mais transfundido no ano do estudo foi o CPI. As plaquetas são pequenos fragmentos do citoplasma dos megacariócitos e, quando ativadas, se aderem ao endotélio vascular lesado e/ou a outras plaquetas, formando agregados que têm como função a prevenção ou a interrupção do sangramento. Logo, a transfusão de concentrados de plaquetas é fundamental para o controle e prevenção de hemorragias em pacientes trombocitopênicos. A irradiação de hemocomponentes como este é realizada para a prevenção da doença do enxerto versus hospedeiro associada à transfusão. Além disso, essa alta demanda do CPI deve-se ao perfil de pacientes atendidos nessa unidade hospitalar. pois, dentre as indicações do CPI temos: aplasia de medula pós-quimioterapia e/ou pós radioterapia incluindo transplante de medula óssea; trombocitopenia em anemias aplásica e síndromes mielodisplásica. **Conclusão:** Houve um alto índice de transfusão de CPI devido suas indicações clínicas que coincidem com o perfil dos pacientes tratados na instituição do estudo. Este dado auxilia a instituição que ao conhecer sua prevalência transfusional pode traçar melhor o planejamento em relação a demanda de hemocomponentes para o banco de sangue do hospital.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1768>

AVALIANDO CONHECIMENTO, ESCLARECENDO OS FATOS E EM BUSCA DE MAIS DOADORES DE MEDULA ÓSSEA

MJMD Nascimento^a, JMD Nascimento^b, NP Rodrigues^a, JBC Júnior^a

^a Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN), São João Del Rei, MG, Brasil

^b Hospital Regional do Câncer de Passos, Passos, MG, Brasil

Objetivos: Mesmo sendo terceiro país com mais pessoas cadastradas como doadores de medula óssea, o Brasil pode melhorar esse índice levando mais esclarecimentos à população geral. O objetivo do trabalho foi demonstrar o quanto o assunto assusta e, ainda, é desconhecido, até mesmo entre aqueles que estão relacionados à área da saúde. **Materiais e métodos:** Elaboramos e aplicamos um questionário acerca do conhecimento de transplante de medula óssea, sendo os alunos do 8º período de medicina da UNIPTAN, o nosso público alvo. Tivemos um n total de 50 e fizemos 17 perguntas totais. Os resultados mais surpreendente, destacamos aqui. Dos 50 alunos, 94% não eram doadores de medula óssea, 84% não sabiam como se tornar um doador, 64% tinham interesse em doar medula óssea. dos 36% que não tiveram interesse em

doar medula, 47% alegou não saber como é o procedimento e 35%, por medo do procedimento, além dos 11% que alegaram medo de paraplegia. Além disso, 58% dos avaliados nunca haviam conversado sobre o tema e 70% nunca ouviu falar sobre o tema na faculdade. Cem por cento responderam que é importante discutir mais sobre o tema. **Discussão:** Diante dos resultados vimos que os resultados diante de pessoas com média de 25 anos, reflete na população geral e que o desconhecimento impede a adesão de mais possíveis doadores. Os 11% que relataram medo de paraplegia demonstra a total falta de conhecimento no procedimento e na diferenciação entre medula óssea e espinhal. **Conclusão:** O trabalho realizado se tornou uma monografia de conclusão de curso e na defesa foram esclarecidos vários pontos relacionados ao assunto e todos os participantes acompanharam a apresentação. Aproveitamos para explicar como é o procedimento de coleta, as possíveis fontes de células-tronco e como se tornar um doador.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1769>

APLICAÇÃO DE DOIS ALGORITMOS DE PREDIÇÃO DE GRAVIDADE EM PACIENTES COM COVID-19 ATENDIDOS NO HC/UNICAMP

VHA Diniz^a, BF Piellusch^a, GA Pedroso^a, BB Oliveira^a, GAFM Lima^a, APQ Belluco^b, GB Mattos^a, AE Alagbe^a, MNND Santos^a

^a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil

^b Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil

Objetivos: O presente trabalho aplicou dois algoritmos de predição da gravidade clínica da COVID-19 utilizando dados clínico-laboratoriais de pacientes atendidos no Hospital de Clínicas da Unicamp (HC/Unicamp), bem como avaliou possíveis associações entre as comorbidades e a mortalidade. **Materiais e métodos:** Trata-se de estudo retrospectivo (abril/2020 a março/2021) e não intervencionista, com a inclusão de 332 pacientes (amostragem), com idade superior a 18 anos, que estiveram internados no HC/Unicamp e apresentaram o diagnóstico molecular confirmado para COVID-19. Os algoritmos disponíveis nos sites “med-predict.com” (algoritmo A) e “www.mdcalc.com/calc/10338/4c-mortality-score-covid-19” (algoritmo B) foram avaliados, os quais consideraram dados laboratoriais ou clínico-laboratoriais [contagem de leucócitos e linfócitos, dímero-D, fibrinogênio, TTPA, ferritina, PCR, CK, bilirrubina total, troponina, LDH, AST e ALT (algoritmo A) e ureia, PCR, saturação de O₂, idade, sexo e escala de glasgow (algoritmo B)]. Para a aplicação dos algoritmos, os prontuários dos pacientes foram revisados e esses foram agrupados em função da gravidade, de acordo com os critérios da OMS para infecção por SARS-CoV-2: infecção assintomática ou pré-sintomática, doença leve, doença moderada, doença grave e doença crítica. Desta forma, foi analisado o desfecho previsto pelos algoritmos com base na classificação da OMS. Além disso, os pacientes foram agrupados em função do número de